

## APRESENTAÇÃO

*Renato da Silva Dias*

Ao final de uma longa vida dedicada à história, se perguntassem a um erudito qual a utilidade do que fez para a vida, ele poderia responder que se todas as suas publicações fossem reunidas, para serem queimadas, o calor produzido pelas chamas talvez não fosse suficiente para aquecê-lo, e a um pequeno grupo, em uma única noite fria de inverno. Ou seja, no sentido mais prático possível, a utilidade da história para a vida seria diminuto.

Esta imagem é aterradora: todas as obras não serviriam para aquecer os vivos do presente. Esse, aliás, é o sentimento compartilhado por muitos aqueles que se aposentam, após longa vida produtiva, que inclui a elaboração e escrita de “teses” que, afinal, são colocadas nas estantes das bibliotecas das instituições onde foram laureados com o título. Ali depositadas, elas abrigam generosamente a poeira do tempo ou, com maior sorte, as teses se tornam livros que, com raras exceções, são igualmente esquecidos, ou relegados a um canto, e isso, ironicamente, segue a uma máxima exposta por Marx e Engels, amplamente conhecida: “tudo o que é sólido desmancha-se no ar”. No entanto – e aqui talvez esteja a grande contribuição dos pesquisadores – esse pequeno fogo, não o das chamas que devoram os livros, mas o do pensamento, pode se manter aceso por gerações, evocando nos leitores, do presente e do futuro, o lume para novos incêndios intelectuais. Afinal, do que adianta ter papel (leia-se, documentos, fontes), se não pudermos acendê-los com novas ideias?

Muitos notam, na escrita da história, uma utilidade prática que considero menor: a de acender o fogo da vaidade. Nesse aspecto, a produção da história esgota seu sentido no próprio ato da escrita e na sua divulgação, entre alunos e colegas. Este

é um fogo morto, uma falsa pirotecnia, provocada por jogos de luzes; pode até brilhar momentaneamente, iluminando o presente, mas não gera calor duradouro, e só se manterá aceso por um prazo maior através do exercício da violência e da força, real ou simbólica. É uma arte efêmera, e pode-se invocar, a título de comparação, outra imagem, a dos fogos de artifício, que, após acesos, desencadeiam um grande brilho que, no entanto, é fugaz, se esgota rapidamente, para não mais voltar a brilhar. Contudo, não é disso o que falamos aqui.

Mais do que iluminar o presente, e esta é, para Nietzsche, uma das grandes “utilidades da história para a vida”, e, de fato, a história deve servir aos vivos do presente, os livros e demais trabalhos de história se prestam – como os ensaios aqui presentes – para despertar “fogos novos”, para iluminar o caminho e aquecer os corações dos jovens, que se dedicarão ao ensino e/ou à pesquisa e, sobretudo, à construção da “alta subjetividade” nos cidadãos/leitores, requerida e necessária para melhor elaboração e compreensão do mundo, e da própria vida. Quando fornecemos a centelha que acende esse fogo criativo nas mentes dos estudiosos e leitores, e perturbamos as noções convencionalmente aceitas, contribuímos para a elevação do espírito crítico, que precisa, para ser de fato elevado, se desvencilhar da “utilidade prática” da história, e dos jogos das vaidades, tão comuns na comunidade acadêmica.

Nos artigos reunidos neste número da Revista *Caminhos da História*, escritos por intelectuais de diferentes regiões do país, fica patente o desejo de informar, questionando o já-dito – e nesse aspecto podemos ver o primeiro nível da utilidade prática da história para a vida – mas, sobretudo, o de evocar e de sugerir novas discussões, mantendo sempre aberto o canal de comunicação e de diálogo entre os “vivos do passado” e os “vivos do presente”. A escrita da história é, de fato, uma atividade nobre, pois deseja provocar debates, neste caso, sobre um tema de extrema relevância, que tem sido resgatado cada vez mais no campo da história.

Pensar os sertões implica discutir uma variada gama de atores sociais, que se inscrevem em espaços geográficos diversos do interior, e constroem identidades múltiplas. São fazendeiros, que tinham estratégias para aumentar suas fortunas; roceiros, que têm suas vidas marcadas pela mobilidade e pelo deslocamento constante, recriando cultura familiar distinta daquela ditada pelo Estado; escravos, que

surtem nos plantéis de conjurados mineiros, ou, aquilombados, resistindo ao sistema escravista; índios, que ensinaram aos primeiros colonizadores a sobreviver nos sertões, orientando-os nos seus caminhos, utilizados inclusive para conter os quilombolas; jesuítas, que se ocupavam com o amanho da terra, utilizando o trabalho dos nativos, e muitos outros indivíduos, que têm suas histórias contadas. O dossiê apresenta ainda aspectos sobre a política e a cultura dos sertões, como o discurso político e a prática governativa do Conde de Assumar nas Minas Setecentistas; o conflito resultante da construção da Capela de Santa Rita, no sul da mesma capitania; o samba de roda do alto sertão da Bahia, e a análise dos ideários técnicos para o mapeamento geográfico norte-paranaense nas primeiras décadas do século XX. Apresenta ainda o artigo livre, que versa sobre a presença da “Liga de Delos” na obra de historiadores helenistas de inspiração marxista.

Espera-se que este número da Revista *Caminhos da História* possa contribuir para manter sempre acesa a chama do conhecimento, refletindo, para além dos nossos muros acadêmicos, questões candentes da História do Brasil. Eis uma nobre missão do historiador.

